

# QUANDO OS PÁSSAROS VOLTAREM

Fernando  
Aramburu

DO AUTOR DE *PÁTRIA*



FERNANDO ARAMBURU  
QUANDO OS PÁSSAROS VOLTAREM

Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman



© Fernando Aramburu, 2021

Publicado mediante acordo com Tusquets Editores, Barcelona, Espanha.

TÍTULO ORIGINAL

*Los vencesos*

COPIDESQUE

João Sette Camara

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Rayana Faria

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A678q

Aramburu, Fernando, 1959-

Quando os pássaros voltarem / Fernando Aramburu ; tradução Paulina Wacht, Ari Roitman. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.  
544 p. ; 23 cm.

Tradução de: Los vencesos

ISBN 978-65-5560-472-6

1. Ficção espanhola. I. Wacht, Paulina. II. Roitman, Ari. III. Título.

22-81255

CDD: 863

CDU: 82-3(460)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Intrínseca Ltda.

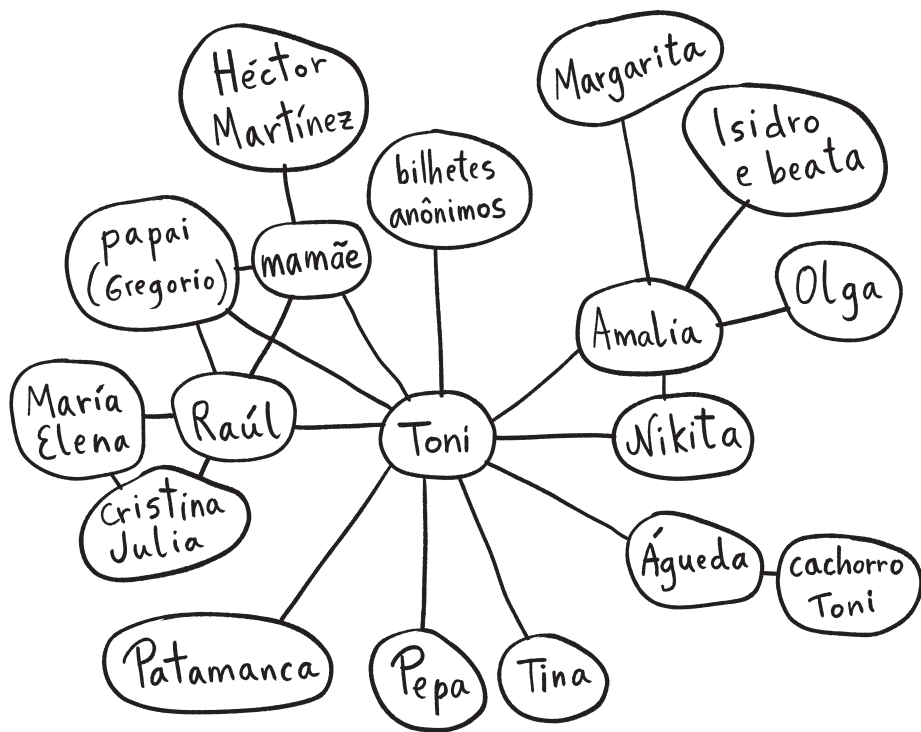
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



# Agosto

I

Chega um dia em que você, por mais estúpido que seja, começa a entender certas coisas. Comigo isso aconteceu no meio da adolescência, talvez um pouco mais tarde, porque fui um garoto que demorou a amadurecer e, segundo Amália, não amadureci totalmente.

A estranheza inicial foi seguida de uma decepção, e a partir daí passei a me arrastar pelo chão da vida. Houve momentos em que me identificava com as lesmas. Não digo isso porque sejam feias e pegajosas ou porque estou num dia ruim, mas pela maneira como esses bichos se deslocam e pela existência que têm, dominados pela lentidão e pela monotonia.

Não vou durar muito mais tempo. Um ano. Por que um ano? Não faço ideia. Mas esse é meu limite final. Amália, no auge do seu ódio, costumava me censurar por nunca ter amadurecido. Mulheres cheias de rancor costumam cuspir esse tipo de impropério. Minha mãe também odiava meu pai, e eu entendo isso. Ele também se odiava, daí sua propensão para a violência. Que exemplo deram ao meu irmão e a mim! Primeiro nos dão uma educação de merda, nos destroem por dentro, e depois esperam que sejamos honestos, gratos, carinhosos e que prosperemos.

Eu não gosto da vida. A vida pode até ser tão bonita quanto afirmam alguns cantores e poetas, mas não gosto dela. E não me venham com elogios ao céu do crepúsculo, à música e às listras dos tigres. Foda-se toda essa baboseira. Acho que a vida é uma invenção perversa, mal concebida e pior ainda executada. Gostaria que Deus existisse, para que eu pudesse tirar algumas satisfações. Para dizer na cara dele o que ele é: um trapaceiro. Deus deve ser um velho depravado que fica nas alturas cósmicas contemplando como as espécies acasalam, competem entre si e se devoram umas às outras. A única desculpa de Deus é que ele não existe. Mesmo assim, não o absolvo.

Quando eu era criança, gostava da vida. Gostava muito, mas não me dava conta disso. De noite, logo que me deitava na cama, mamãe me beijava nas pálpebras antes de apagar a luz do abajur. O cheiro de minha mãe era o

que eu mais gostava nela. Meu pai cheirava mal. Não que fedesse, mas tinha um odor, mesmo quando passava perfume, que me causava rejeição instintiva. Um dia (eu devia ter uns sete ou oito anos), na cozinha, quando minha mãe estava de cama por causa de uma das suas enxaquecas, como me recusei a mastigar um bife de fígado e tive ânsias de vômito só de olhar para o prato, meu pai pôs seu enorme pênis para fora, enfurecido, e me disse: “Para ter um assim algum dia, você tem que comer este fígado e muitos mais.” Não sei se alguma vez fez o mesmo com meu irmão. Lá em casa meu irmão era mais mimado que eu. Parece que meus pais o achavam mais frágil. Ele diz o contrário e considera que o preferido era eu.

Quando era jovem, comecei a gostar menos da vida, mas ainda gostava. Agora já não gosto e não pretendo delegar à Natureza o poder de decidir o momento de eu lhe devolver os átomos que peguei emprestados. Planejei me suicidar daqui a um ano. Tenho até data marcada: 31 de julho, quarta-feira, à noite. É o prazo que me dou para pôr minhas coisas em ordem e descobrir por que não quero continuar vivendo. Espero que a minha determinação seja firme. No momento é.

Houve épocas em que quis ser um homem a serviço de um ideal, mas não consegui. Tampouco tive a oportunidade de conhecer o amor verdadeiro. Fingi com habilidade, às vezes por compaixão, às vezes pela recompensa de algumas palavras amáveis, um pouco de companhia ou um orgasmo, como acho que os outros faziam e continuam fazendo. Talvez meu pai estivesse me demonstrando amor durante a cena do fígado. O problema é que há coisas que a gente não entende porque nem sequer as percebe, por mais que estejam na nossa frente, e também porque amor na marra não é comigo. Serei um pobre coitado, como repetia Amália? E quem não é? O fato é que não me aceito como sou. Não vou ter pena de deixar este mundo. Ainda tenho um rosto bonito, apesar dos meus cinquenta e quatro anos, e algumas virtudes que não soube aproveitar. Tenho saúde, ganho o suficiente, raramente perco a serenidade. Talvez tenha me faltado uma guerra, como aconteceu com papai. Ele compensava o desejo não realizado de entrar em batalha praticando a violência contra os seus, contra tudo que perturbasse seu ritmo vital e contra si mesmo. Outro pobre coitado.

2

Nós quatro estávamos passando as férias de verão num povoado, na costa de Alicante. Papai, escritor frustrado, atleta frustrado, erudito frustrado,

ganhava a vida dando aulas na universidade; mamãe, sensatamente determinada a se libertar da dependência financeira do marido, era funcionária de uma agência dos Correios. Quanto às finanças, estávamos tão bem quanto qualquer família de classe média na Espanha. Tínhamos um Seat 124 azul comprado zero-quilômetro; Raulito e eu estudávamos numa escola particular; em agosto, nas nossas férias, a família podia pagar o aluguel de um apartamento com varanda e piscina coletiva não muito longe da praia. Estou quase dizendo que tínhamos tudo para ser razoavelmente felizes. Naquela idade, aos catorze anos, pensava que éramos.

Eu havia sido reprovado em uma matéria, a qual teria que refazer em setembro. Com meu boletim na mão, mamãe deu uns gemidos incriminadores e logo em seguida teve uma enxaqueca; papai, de reações mais primitivas, me deu uma bofetada, me chamou de pateta e voltou a ler o jornal. Nada disso alterou a placidez da minha vida. Na verdade, já na infância eu queria ser pai quando crescesse, para bater nos meus filhos. Desde cedo assumi esse método como recurso pedagógico preferencial. Mais tarde, porém, não fui capaz de sequer levantar a voz para Nikita, e o garoto ficou como ficou.

Nas férias que lembro esta noite, as férias do verão em que fui reprovado em uma matéria, testemunhei uma cena que acendeu uma luzinha vermelha de alerta no meu cérebro. Uma tarde, voltando de um jogo de minigolfe, enfiei uma lagartixa dentro da camiseta de Raulito, na altura do pescoço. Coisa de criança. Ele se assustou. Não era fácil ser meu irmão. Um dia, já adultos, no fim de uma festa em família, Raúl me acusou de ter estragado sua infância. Olhei nos seus olhos. O que fazer? Optei pela solução mais fácil. Pedi desculpa. “Já era hora”, respondeu ele, carcomido por um ódio longamente incubado.

Ao sentir a lagartixa nas costas, Raulito se assustou do jeito engraçado que eu esperava. Parece que pisou em falso e, perdendo o equilíbrio, caiu num aterro pedregoso, ao lado de um pomar de limoeiros. Rapidamente se levantou como se nada tivesse acontecido, mas, vendo os joelhos ensanguentados, abriu o berreiro. Eu lhe disse que ficasse quieto. Não se dava conta de que ia me meter em confusão? Mamãe ouviu os gritos e saiu alarmada do edifício; papai veio atrás, calmo, acho que aborrecido porque um problema familiar idiota estava interrompendo sua leitura, seu cochilo, sei lá. Mamãe viu o sangue e, sem perguntar o que havia acontecido, me deu um tabefe. Papai, meio relutante, me deu outro. Mamãe geralmente batia com mais fúria, mas machucava menos. Levaram Raulito ao pronto-socorro da Cruz Vermelha, na calçada em frente à praia. Uma hora depois ele voltou ao

apartamento com um curativo em cada joelho e o beijo sujo de sorvete. E depois vem dizer que não era o favorito da família.

Fiquei de castigo, sem jantar. Os três estavam em silêncio, sentados à mesa, enfiando os garfos em grandes fatias de tomate com azeite e sal, enquanto eu os observava escondido no alto de uma escada em espiral, já de pijama. Queria fazer um sinal ao meu irmão para que mais tarde me levasse algo de comer, mas o bobalhão nem olhou para mim. No aparador da cozinha uma panela de sopa fumegava. Mamãe serviu um prato para Raulito. Meu irmão baixou a cabeça como se fosse inalar o vapor que subia ao seu rosto. E eu quase desmaiando de inveja e de fome no meu esconderijo. Mamãe foi novamente até a panela, dessa vez com o prato de papai, e depois de servi-lo cuspiu furtivamente na sopa. Cuspir não é a palavra exata. O que ela fez foi deixar um fio de saliva escorrer até chegar no prato. A saliva ficou pendurada na sua boca por alguns instantes antes de cair. Depois ela mexeu o líquido com a concha e pôs o prato na frente de papai. Do alto da escada, eu quis avisá-lo, mas pensei que primeiro precisava entender o que estava acontecendo. Meus pais discutiam com frequência. Será que tinham brigado e foi por isso que jantaram sem trocar uma palavra ou um olhar? Fiquei especulando se algum dia minha mãe não teria cuspidido na minha comida também. É possível que a baba de mamãe fosse nutritiva, mas, nesse caso, por que não pôs também no prato de Raulito? Por que discriminar o pobre querubim? Talvez cuspir escondido na sopa do marido fosse um costume antigo que ela havia aprendido na infância, observando a mãe ou uma das tias.

3

E, caso não me falte coragem no momento decisivo, o que vai ser de Pepa? Não posso impingi-la a Patamanca, que já faz o bastante ficando com ela de vez em quando na sua casa. Ainda bem que reservei um ano para deixar resolvidas esta e outras questões importantes. Pepa já tem treze anos. Dizem que é preciso multiplicar os anos de um cachorro por sete para descobrir a idade humana equivalente, mas não se pode atribuir a mesma expectativa de vida a todas as raças caninas. Se fosse uma senhora, Pepa já seria nonagenária. Bem que os velhos dessa idade gostariam de ter a energia dela para brincar. Na verdade, Pepa pertence a Nikita. Portanto, umas horas antes de dar fim aos meus dias, eu poderia deixá-la amarrada na porta do seu andar na ocupação. Por enquanto não consigo pensar em outra solução.



Amalia resistia tenazmente a aceitar animais em casa. Nunca tivemos um. Quando surgiu a ideia do cachorro, ela não parava de enumerar os problemas. Os cães fazem sujeira, exigem atenção permanente, pegam parasitas, dão despesas, ficam doentes, brigam com outros cachorros, bagunçam, mordem, urinam, cagam, fedem. Você se afeiçoa a eles e fica arrasado quando morrem. Não creio que Amalia fosse ter muita delicadeza para calcular quanto custaria uma injeção letal.

A princípio, eu também não apoiei a ideia de ter um cachorro em casa. O menino insistia, com o argumento de que seu melhor amigo da escola tinha ganhado um dos pais e ele não queria ficar para trás. Percebi que Nikita insistia mais quando estava sozinho comigo. Foi então que entendi que estava tentando me conquistar para a sua causa à revelia da mãe inflexível. Estava claro que eu era para ele o membro mais frouxo ou mais acessível da diretoria familiar. Não dizia isso, mas não foi difícil adivinhar seu pensamento. Isso, longe de me incomodar, me comoveu. No fundo não havia desprezo pelo pai, e sim uma espécie de identificação. Companheiros de fraqueza, só teríamos alguma possibilidade de alcançar os objetivos que ele e eu estabelecemos unindo nossas forças contra a fêmea dominante. E, evidentemente, unimos nossas forças. A partir de certo momento era eu quem manifestava mais vontade de pegar um cachorro. Para atingir esse objetivo, adotei os artifícios de homem analítico, didático e professoral. Fracassei. Pedi um conselho a Marta Gutiérrez, a única pessoa no colégio que me inspirava confiança suficiente a ponto de lhe expor um assunto pessoal. Se ela sabia, perguntei, como convencer uma mulher durona a dar o braço a torcer numa disputa familiar. Ela quis saber se eu me referia à minha. “Não, às mulheres em geral.” “Não há mulheres em geral.” “Bem, sim, à minha.” Então lhe contei sobre o cachorro e descrevi resumidamente o temperamento de Amalia. Quando me aconselhou a abordar o problema usando a inteligência emocional, respondi que não tinha entendido nada, que era como se ela tivesse falado comigo em chinês. Tudo que eu precisava fazer, me respondeu, era fomentar uma consciência pesada em Amalia. Como? Tanto meu filho quanto eu deveríamos nos mostrar melancólicos e infelizes, para que ela pensasse que a culpa era dela. Existia, então, uma possibilidade de que se sentisse injusta, ou pelo menos incomodada consigo mesma, hesitasse e acabasse cedendo, nem que fosse só para ficar em paz. Segundo Marta Gutiérrez, essa estratégia nem sempre funcionava, mas não custava nada tentar.

Funcionou, mas ao preço de aceitarmos uma série de condições e normas impostas por Amalia, que concluiu com uma declaração taxativa: ela não cuidaria do animal nem por um instante. Não ia levá-lo para passear,

nem alimentá-lo, nem qualquer outra coisa. E, para provar que não estava falando por falar, no primeiro dia se recusou a deixar a cadela se aproximar e ficar a seu lado. A cachorrinha não deve ter entendido os gestos de rejeição e insistiu em subir pelas pernas de Amália, abanando o rabo em sinal de amizade. “O que está esperando para fazer um carinho nela?”, perguntei-lhe. Amália respondeu, apontando alguma coisa com o dedo indicador: “O que você está esperando para limpar isso?” A cadela tinha mijado no tapete. Primeiro com água e um pano, depois com o secador de cabelo, consegui que não ficasse nenhuma marca. Nem odor. A urina dos filhotes quase não tem cheiro. Amália, desconfiada, ficou de quatro no tapete para conferir. Depois caçou de cada nome que Nikita e eu inventamos. Nós a desafiamos: “Então escolhe você.” “Pepa”, disse secamente. “Por que Pepa?” “Por nada.” E foi esse o nome que lhe demos.

#### 4

O primeiro bilhete anônimo que encontrei na caixa de correio estava escrito a mão, com todo o texto em letras maiúsculas. *Isso é coisa de algum vizinho implicante*, pensei. Nem me ocorreu que aquele bilhete seria o primeiro de uma sequência que duraria cerca de doze anos. Amassei o papel numa bolinha e quando saí, ao anoitecer, joguei-a numa poça que havia na rua. Só me lembro de que era uma reclamação de duas linhas por eu não ter recolhido o cocô da cachorra do chão. Em uma das frases havia a palavra *porco*. Sempre levo no bolso pelo menos duas sacolas, mas confesso que no início (depois não mais) podia acontecer que eu estivesse absorto nas minhas reflexões, ou pensando nas aulas do dia seguinte, ou simplesmente com preguiça de me abaixar e, convencido de que ninguém estava olhando, deixava os excrementos de Pepa onde tivessem caído. Pode ser que o bilhete sem nome nem data fosse dirigido a Nikita, que às vezes também levava a cachorra para passear. Não disse uma palavra a Amália sobre o assunto.

#### 5

Não sei por quê, no início dos anos 1970, nós quatro viajamos para Paris e não, digamos, para Segóvia, Toledo, algum lugar mais perto onde as pessoas se comunicam na nossa língua. Papai arranhava um pouco de francês; mamãe, nem uma palavra. Talvez a viagem também tivesse a intenção de

impressionar os vizinhos ou mostrar aos nossos parentes que éramos uma família harmoniosa e próspera.

Havia um rio. Não tenho certeza se nessa época eu sabia o nome — talvez soubesse, mas não faz diferença. Também não posso dizer que ponte estávamos cruzando nem para onde íamos. O que nunca esqueci é que eu estava uns seis ou sete passos atrás. Mamãe e papai iam na frente, Raulito entre eles. Os dois lhe davam as mãos e pareciam conectados por ele. Aquilo me deu a sensação de que gostavam mais do meu irmão do que de mim. Pior: de que gostavam dele e de mim, não, ou que cuidavam dele e me deixavam abandonado. Eu poderia ser atropelado de repente por um carro ou uma moto e eles, sem reparar no acidente, seguiriam em frente como se nada tivesse acontecido. A ideia do desinteresse que eles demonstravam por mim me fazia sofrer. E então estava ali a mureta, fácil de escalar, e lá embaixo o rio, com suas águas turvas e calmas onde o sol do meio da tarde se espelhava. Ainda me lembro bem do som do impacto e da surpresa que a sensação repentina de frio me causou. Enquanto caía, ouvi os gritos de uma mulher.

Antes que eu engolisse água, mãos poderosas me puxaram para a superfície. Papai perdeu os sapatos no rio. Nos anos que se seguiram, ele contava com orgulho o que considerava a maior proeza de sua vida. No fundo, estava feliz por ter estragado seu relógio, um relógio de pulso aparentemente valioso que antes havia pertencido ao seu pai. Ele sempre exibia sua faceta heroica. Diante da escolha entre o relógio ou o filho, não tinha hesitado.

Nem mamãe, nem ele brigaram comigo. E mamãe estava tão fora de si e tão agradecida que, em meio às pessoas que nos rodeavam no passeio à beira-rio, abraçou papai, molhado da cabeça aos pés, e lhe salpicou vários beijos no rosto. Papai gostava de brincar que eu tinha nascido duas vezes. Na primeira, mamãe me deu a vida; na segunda, ele.

Ainda me lembro da carteira preta de papai, do passaporte, das notas de francos e de outros pertences secando em cima dos móveis no quarto do hotel. À noite, fomos a um restaurante comemorar o fato de eu não ter me afogado, e papai bebeu, sozinho, uma garrafa de vinho. Acabou com uma mancha roxa no peito da camisa, mas dessa vez mamãe não deve ter achado adequado jogar isso na cara dele.

6

Ontem fui ver mamãe. Como sempre fazia, antes de entrar fui verificar se o carro de Raúl não estava no estacionamento. Quando está, não subo. Em

Toni está cansado do mundo. Embora tenha uma saúde de ferro, o professor de ensino médio de história da filosofia não enxerga grandes perspectivas. Por mais que tenha lido uma quantidade considerável de livros, confessa que há coisas que não entende e acredita já ter experimentado tudo que há para experimentar. Decide, assim, pôr fim à própria vida. Metódico e sereno, ele escolhe inclusive a data da morte voluntária: 31 de julho do ano seguinte, o que lhe dá exatamente 365 dias para acertar pendências e tentar descobrir as verdadeiras razões por trás de sua polêmica escolha. Mas há um prazo-limite autoimposto para bater o martelo sobre seguir com o plano: o fim da migração dos andorinhões. Quando o primeiro deles despontar no céu em seu regresso, na primavera espanhola, Toni terá decidido.

Nessa contagem regressiva até o dia derradeiro, ele vai gradualmente se desfazendo de seus pertences e, todas as noites, no apartamento que divide com Pepa, sua cachorra, dedica-se a escrever memórias e anotações pessoais, duras e desesperançadas, mas não menos ternas e espirituosas. A partir dessa espécie de diário, revela toda a sua intimidade — inclusive os recônditos mais controversos —, revisita o passado e discorre sobre os assuntos cotidianos de uma Espanha politicamente turbulenta. Com seu bisturi implacável, Toni fala dos pais; do irmão, que não suporta; da ex-mulher, de quem não consegue se desvincular; do filho problemático, Nikita; do mordaz amigo, Patamanca; e de uma inesperada Águeda. Na sucessão de episódios amorosos e familiares de uma constelação humana viciante, esse homem desnordeado, porém determinado a contar as próprias derrotas, nos oferece, paradoxalmente, inesquecíveis lições de vida.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1235/>

